

**LINGUAGEM, COMUNICABILIDADE E PERFORMANCE NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

**LANGUAGE , COMMUNICABILITY AND PERFORMANCE IN CONTEMPORARY
SOCIETY**

Hilda Rodrigues da COSTA
(Universidade Estadual de Goiás)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar teorizações sobre a linguagem e a sociedade contemporânea, suas continuidades e rupturas, bem como suas ligações com outras áreas do saber como a Antropologia, a História, a Linguística e a Etnografia, considerando a necessidade de desenvolver procedimentos metodológicos apropriados para a investigação de determinado objeto de estudo. Os processos de comunicabilidade e de performance nos remetem a indagações profundas de como fazer pesquisa na contemporaneidade, considerando a maneira de pensar o uso da linguagem e da identidade, capazes de constituir uma língua e uma cultura. Nossos estudos foram embasados nos autores Fabrício (2006), Bauman (1990, 2008), Briggs (2005, 2007), Foucault (2007), Pennycook (2006).

Palavras-chave: Linguagem. Comunicabilidade. Performance E Sociedade.

ABSTRACT: This article aims to present theories about language and contemporary society , its continuities and ruptures , as well as its links with other disciplines such as anthropology , history , linguistics and ethnography , considering the need to develop methodological procedures appropriate for the investigation of particular object of study. The communicability processes and performance lead us to deeper questions of how to research in contemporary times, considering the way you think the use of language and identity, able to build a language and a culture . Our studies were based on the authors Fabricio (2006) , Bauman (1990 , 2008) , Briggs (2005 , 2007) , Foucault (2007) , Pennycook (2006) .

Keywords : Language. Communicability. Performance And Society.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a linguagem e a língua ao longo dos tempos revelam a individualidade de uma determinada corrente linguística em detrimento de outras, pois a língua representa a sociedade de uma época, a sua cultura, a sua ideologia, por meio do indivíduo que é parte integrante desta sociedade, a qual está em constante mudança.

A linguagem é fluída, movente, capaz de transformar-se facilmente, contornando obstáculos, agregando experiências, assumindo escolhas ideológicas e éticas na produção do conhecimento. Bauman & Briggs (1990) em “Poetics and performance as critical perspectives

on language and social life”, argumentam que a arte verbal oferece uma força dinâmica na formação das estruturas linguísticas, bem como nos estudos linguísticos.

As teorizações sobre a linguagem e a sociedade na contemporaneidade estão sempre em movimento, oscilando entre continuidades e rupturas, estabelecendo ligações com outras áreas do saber como a Antropologia, a História, a Linguística, a Etnografia, de forma a descrever uma multiplicidade de fenômenos, fazendo emergir novos significados, produção de sentidos, relações discursivas, etc., “tornando problemática a adoção de pontos de vista e explicações causais simplistas a respeito dos fenômenos sociais” (FABRÍCIO, 2006, p. 47). Pois, é preciso ir além, desenvolver procedimentos metodológicos capazes de investigar a relevância social sobre determinado objeto de estudo, seus traços históricos, sua inserção no contexto, no discurso e no mundo.

A comunicabilidade

Briggs (2007) em “Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary society”, questiona o modo como às pesquisas eram desenvolvidas pelos antropólogos no passado, como as práticas produziam os sujeitos e os objetos e seu lugar na sociedade. Ele relata também a mudança com o crescimento rápido pelo interesse em entrevistas nos meios de comunicação e sua inserção na vida cotidiana, comparando-as com o panóptico de Bentham, descrito por Foucault em “Vigiar e punir”, vinculando conhecimento/poder e vigilância/disciplina. É preciso inquirir sobre os meios de produção de conhecimento e a formação das relações sociais em ambientes institucionais.

Outro ponto destacado por Briggs (2007) é a descoberta dos antropólogos pelo valor de explorar as semelhanças, as sobreposições e as relações miméticas entre os modos de produção de conhecimento no campo da Antropologia e nas práticas cotidianas. Por outro lado, o autor questiona o papel dos antropólogos como produtores e consumidores de entrevistas, pois há uma gama de profissionais de outras áreas treinados para trabalhar com a mídia, objetivando a melhor maneira de transmitir a sua mensagem, apontando as diferentes formas em que as entrevistas são construídas ideologicamente. O que faz o autor não somente criticar, mas pensar em formas de conceituar as entrevistas, explorando as lacunas, abrindo caminhos para a condução das pesquisas antropológicas, observando como as ideologias tornam-se significativas socialmente e como elas se relacionam com o entrevistado. E propõe explorar estas ligações por meio do campo da comunicabilidade.

Nesta perspectiva, Briggs (2005, 2007) elege alguns passos necessários para o desenvolvimento do campo da comunicabilidade : a transmissibilidade – construções sociais situadas nos processos/formas de comunicação, envolvendo as pessoas na produção, circulação e recepção do discurso; como as formas de comunicabilidade são colocadas dentro dos campos sociais/arenas de organização social capazes de produzir papéis sociais, posições e relações sociais; como emergem as cartografias transmissíveis pela heterogeneidade de espacializações e temporizações de determinados lugares e como são recebidos em outros lugares.

Briggs (2007) ao final de seu artigo sugere também alguns princípios básicos para se fazer a entrevista antropológica sem cair no senso comum, tão criticado por ele, propondo: pensar a entrevista como um conjunto de práticas de produção de conhecimento – objeto de inquérito; prestar atenção explícita às cartografias transmissíveis; comunicabilidades e práticas diretamente com os entrevistados - criatividade; observar as maneiras de participar dos entrevistados e suas recusas; informar o projeto como um todo através do esforço reflexivo, incluindo a definição do problema de pesquisa, a descoberta e análise.

Muitos são os estudiosos (como por exemplo, Bauman, 1990; Briggs, 2005; Pennycook, 2006; Foucault, 2007; Jacquemet, 2005; Silverstein, 1996, dentre outros) interessados em como os conhecimentos e as relações sociais são produzidos e, como os sujeitos e as instituições emergem sobre regimes de verdade, normatizando e normalizando a vida social.

Briggs (2005), em seu artigo “Communicability, racial discourse and disease”, argumenta que uma análise linguística não pode estar divorciada da política e da história, pois é preciso examinar como as ideologias políticas formam práticas comunicativas, pois os significados devem ser “apropriados no meio de práticas de apropriação e recepção” (BRIGGS, 2005, p. 271), não fixando-se apenas nos contextos, mas constituindo um processo em que os atores e as instituições possam “garantir o direito de descontextualizar e recontextualizar o discurso em diferentes configurações” (BRIGGS, 2005, p. 271) . Para o autor, a língua é um marcador explícito e implícito na construção de visibilidade e invisibilidade do sujeito. Pois, segundo Briggs (2005, p.274) todo processo comunicativo é ideologicamente construído de tal forma que alguns indivíduos assumiram performances diferenciadas, “umas como produtoras de conhecimento”, outras como “disseminadoras de determinados conhecimentos”, “outras como receptoras”, e “outras sem representatividade alguma” no contexto social, produzindo assim subjetividades. Entretanto, o autor ressalta que o processo de comunicabilidade não constitui um sistema totalizante capaz de abarcar e

“moldar todas as relações sociais e modos de pensamento e ação” (BRIGGS, 2005, p.282). Ele é muito mais do que fomentar apenas novas práticas comunicativas.

Performance e o uso da linguagem

Pennycook (2006), em “Uma linguística aplicada transgressiva” embasando-se nos estudos de Bourdieu (1991), Moita Lopes (2002), Butler (1990) e outros, também discorre sobre a concepção do sujeito por meio do discurso, considerando a noção de performatividade como um modo de pensar o uso da linguagem e da identidade, possibilitando a existência de uma língua.

Ao final dos anos de 1970, segundo Bauman & Briggs (1990), a performance emerge com uma nova perspectiva, desviando-se dos estudos da padronização formal e do contexto simbólico dos textos, para a emergência da arte verbal na interação social entre atores [performers] e audiências, considerando a crescente preocupação de muitos linguistas em relação ao significado indicial. O que levou antropólogos e folcloristas a perceberem que os estudos fundamentados na performance estavam ligados aos seus interesses, considerando o pressuposto de que a fala é heterogênea e multifuncional, na construção social da realidade.

Em 1975, Bauman escreve o artigo intitulado “Verbal Art as Performance”, objetivando o estudo das teorias modernas sobre a natureza da arte verbal nos estudos da Antropologia, da Linguística ou da Literatura e sua construção em termos de usos especiais ou padronizações de características formais dentro de textos. Embasando-se em vários autores (como por exemplo, Jakobson, 1960; Stankiewicz, 1960; Bascom, 1955; Austin, 1962), o autor faz uma crítica, partindo de conceitos como: forma de expressão; utilização de dispositivos da língua; desvio de normas pelos membros da sociedade; multiplicidade de leis formais – expressões – escolha do poeta. Todas essas abordagens centradas no texto tiveram sua importância na época. Mas, a necessidade de se caminhar para frente, de descobrir novas formas de falar fez com que a concepção da arte verbal centrada no desempenho exigisse outras abordagens por meio do próprio desempenho e não somente o ato de comunicar adequadamente.

A performance emerge como um uso da linguagem, uma maneira de fala, constitutiva do domínio da arte verbal como expressão falada de um sistema cultural. Bauman (1975, p. 302), enfatiza o conceito de emergência como algo necessário para o “estudo do desempenho para compreender a singularidade de performances particulares dentro do contexto de desempenho como um sistema cultural generalizada em uma comunidade”. E é

através da interação entre recursos comunicativos, competências individuais e objetivos dos participantes em meio a situações particulares que emerge a qualidade da performance dos membros de uma comunidade. A performance na visão do autor constitui apenas um ponto de partida, a prática e a emergência em arte verbal que se liberta de perspectivas fechadas para buscar compreender a totalidade da experiência humana.

A partir daí, as abordagens orientadas pela noção de performance, de acordo com Bauman (2008, p. 3) “atingiram um lugar relevante no repertório teórico da antropologia e disciplinas adjacentes, incluindo folclore, linguística, cultural studies e estudos de comunicação [...]”.

Segundo Bauman (2008), existem três concepções de performance importantes que figuram nos trabalhos antropológicos. Uma delas está enraizada na teoria social moderna e as outras duas emergiram a partir da virada discursiva, nos anos de 1970, com antropologia sociocultural.

A primeira concepção foca o conceito de performance como um evento distinto e bem marcado como os rituais, os espetáculos, chamados de performances culturais. De acordo com Bauman (2008, p. 3) estes rituais, espetáculos em que “os significados e os valores mais profundos de uma sociedade recebem forma simbólica, são corporificados, performados e exibidos perante uma audiência para contemplação, manipulação, intensificação ou experimentação”. Essa concepção tem suas raízes na tradição intelectual de Émile Durkheim, o que torna as performances culturais mais reflexivas, uma vez que as formas culturais e as formas sociais têm como foco a cultura e a sociedade, sendo estas memoráveis e replicáveis, sendo utilizadas como mecanismos de uma configuração cultural, capaz de constituir público, propagar conhecimento, e ao mesmo tempo criar vínculos e envolvimento participativos, conduzindo as pessoas à ação.

A segunda concepção sobre performance está fundamentada na “performatividade”, nos estudos de Austin, na década de 1970. Austin, contrariando de muitos linguistas, insistiu que a ação verbal além de comunicar significados, possui uma força de ação, eles encenam [perform], que foi chamada pelo autor como “força ilocucionária” de um enunciado. Enunciados capazes de tecer efeitos no mundo, de fazer acontecer, envolvendo várias perspectivas para constituir uma identidade que reivindica o ser preexistente. Estes efeitos, Austin chamou de “efeitos perlocucionários”.

Pennycook (2006, p.80) argumenta que a “discussão sobre performatividade abre vários modos significativos de repensar a linguagem e a identidade”, contrapondo-se ao

pensamento da sociolinguística tradicional de “uma identidade como um construto pré-dado refletido no uso da linguagem” (idem, p. 81). Evitando assim, categorias fundacionalistas, e

sugerindo que as identidades são formadas na performance linguística em vez de serem pré-dadas. Tal visão de identidade linguística nos ajuda a ver como as subjetividades passam a existir e são sedimentadas com o passar do tempo por meio dos atos linguísticos regulados (PENNYCOOK, 2006, p.82).

Atos estes discursivos que possibilitam a existência de uma língua, considerando a noção de desempenho, o modo de compreender como as línguas, as identidades e os futuros são restabelecidos, através da performatividade.

A terceira concepção de performance foi denominada de “artful communication”, que em português quer dizer comunicação habilidosa.

Na poética da performance, Bauman (2008) enfatizou as relações que ligam a forma linguística, a função social e o significado cultural. O autor frisa que seu interesse é “na linguagem em uso como um equipamento para a vida”, ou melhor, dizendo, “na prática discursiva, na linguagem em ação” e, que sua investigação parte da empiria de “como os atores sociais utilizam a linguagem como um recurso para a efetivação de suas vidas sociais”, utilizando como método a etnografia. Na poética da performance toda expressão linguística é situada, constitutiva socialmente e polifuncional, portanto, ela é performativa.

De acordo com Bauman & Briggs (2006, 189), muitos autores já enfatizaram que,

performances não são simplesmente usos habilidosos [artful] da linguagem que se distanciariam tanto da vida do dia-a-dia quanto de questões mais amplas acerca do significado, como sugeriria a estética Kantiana. Na verdade, performance oferece um enquadre que convida à reflexão crítica sobre os processos comunicativos. Uma dada performance está ligada a vários eventos de fala que a procedem e sucedem (performances passadas, leituras de textos, negociações, ensaios, fofoca, relatos, críticas, desafios, performances subsequentes, e similares). Uma análise adequada de uma única performance requer então estudos etnográficos sensíveis a como sua forma e significado são índices de uma gama mais ampla de tipos de discurso, alguns dos quais não são enquadrados como performance.

Portanto, as pesquisas etnográficas centradas na performance podem gerar uma maior percepção sobre as diversas facetas do uso da linguagem, ampliando as perspectivas de estudos quanto as interrelações e os papéis que a linguagem pode exercer na vida social.

Tal posicionamento causou certo descontentamento entre linguistas e, até mesmo entre antropólogos tradicionais. Para Bauman & Briggs (2006), como etnógrafos da

performance, a tarefa de desconstruir concepções ocidentais tradicionais sobre a linguagem e a vida social se tornou vital. O que os levou a um projeto mais amplo, explorando outras forma alternativas de conceber a performance, considerando-a em sua relação dialética com o seu contexto sociocultural, político e econômico, “ênfatizando o modo como a padronização poética extrai discursos de certos eventos de fala em particular, e explora sua relação com uma diversidade de contextos da vida social”. (BAUMAN & BRIGGS, 2006, 190).

De acordo com Bauman & Briggs (2006), o descentramento e a recontextualização têm grandes implicações para a condução da vida social. O que pode ajudar na solução de certas questões centrais para antropólogos, linguistas, folcloristas e estudiosos da literatura. Porém, autores da teoria dos atos de fala se posicionaram contrariamente aos estudos da performance, criando um estado de críticas quanto aos estudos etnográficos antropológicos ligados a performatividade.

Diante de tais afirmações os estudos sobre performatividade passam a focar a força ilocucionária de uma enunciação contemplando não somente sua localização dentro de um gênero e lugar social, mas suas relações indiciais entre a performance e outros eventos de fala que a precedem e sucedem (focalizados nos estudos bakhtinianos).

A força ilocucionária pode

ser comunicada por uma série de elementos do micro ao macro e, mais importante, pela interação entre tais elementos. A etnografia da comunicação, a análise de discurso e a pesquisa sobre performance têm contribuído muito para a mudança do foco da pesquisa, de frases e elementos isolados para, nos termos de Austin, evento de fala total [total speech act]. (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p.194)

Tal perspectiva fez com que estudiosos ligados a performance mudassem a maneira de conceber a performatividade, passando a vê-la como a interação complexa e heterogênea de padrões formais na construção social da realidade.

O estabelecimento da abordagem da performance também passou mudanças, o foco passa a ser a análise da emergência dos textos em contextos, ou melhor dizendo, em processos contínuos de contextualização. Segundo Bauman & Briggs (2006, p. 201),

Para evitarmos reificar “o contexto” é necessário estudar os detalhes textuais que iluminam a maneira como os participantes constroem coletivamente o mundo ao seu redor. Por outro lado, tentativas de identificar o significado dos textos, performances ou gêneros inteiros em termos de conteúdo puramente simbólicos e independentes do contexto desconsideram a multiplicidade de conexões indiciais que permitem que a arte verbal transforme, e não simplesmente reflita, a vida social.

Para os autores, estabelecer um modo de pesquisa centrado em análises de padrões poéticos, interação social ou contextos sociais e culturais significa impedir uma análise adequada de qualquer um dele.

A contextualização e entextualização

A contextualização é um processo ativo de negociação, em que os sujeitos que participam deste processo “examinam reflexivamente o discurso em sua emergência, inserindo avaliações sobre sua estrutura e significado na própria fala” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p. 201). Dessa forma, o processo de contextualização permite ao pesquisador reconhecer as sutilezas, as minúcias que os atores [performers] e as audiências utilizam a padronização poética ao interpretar as estruturas e significados de seus próprios discursos. Tal orientação teve implicações muito fortes para o trabalho de campo, o que de certa forma facilitou também a compreensão das dinâmicas de performance no próprio encontro etnográfico.

Os etnógrafos de performance tem que ser ousados para desconstruir a noção de contexto natural, eles têm que confrontar suas próprias influências com suas fontes locais. Uma vez que, a contextualização vai além das fronteiras do contexto de trabalho de campo, como afirmam Bauman & Briggs (2006).

Em contraposição às pesquisas sobre contextualização, na perspectiva da performance em contextos situacionais, um outro estudo está começando a emergir dos estudos da performance, bem como, de outras áreas que abordam alguns problemas na antropologia linguística, partindo de premissas opostas. É a descontextualização que tem como foco a investigação, indo além do estabelecimento da forma, da função e do significado da arte verbal.

Outra perspectiva que emergiu a partir da distinção entre discurso e texto é a entextualização, que “torna o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p. 206). O processo de entextualização pode incorporar aspectos de seu contexto, incorporando ao texto elementos da história de seu uso como arte verbal.

O essencial para o processo de entextualização é “a capacidade reflexiva do discurso” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p. 206), que divide, compartilha com um todo os

sistemas de significação. A performance nessa perspectiva potencializa a entextualização, mesmo não sendo a performance o único mecanismo de entextualização.

Tais processos de produção textual – entextualização e recontextualização – são parte do mesmo processo de concepções socioculturais pertencentes à etnografia da fala, centrada na prática discursiva em si, ligando contextos situacionais da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a tarefa do pesquisador etnográfico é descobrir empiricamente quais os meios, quais as circunstâncias para transformar o discurso em texto em uma determinada situação social.

Não é uma tarefa fácil, mas que exige a imersão do pesquisador no campo da investigação, da análise, da reflexão dentro do contexto situacional de uso da linguagem.

Os processos de comunicabilidade e de performance, embasados nos estudos de Briggs e Bauman, em meio a críticas da época, nos remetem a indagações profundas de como fazer pesquisa na contemporaneidade.

Os problemas são muitos, divergentes quanto à linha de pensamento a seguir, seja na antropologia, na linguística, na história, na etnografia e na arte poética. Porém, as contribuições das correntes filosóficas no passado não devem ser esquecidas ou excluídas. Elas são nosso aporte teórico de uma determinada época, capazes de sustentar pontos de vista, que antecederam a configuração de uma nova ordem no campo da linguagem. Pois, devemos buscar constantemente aparatos teóricos para embasarmos nossas pesquisas, criando novas metodologias para compreender o papel da linguagem na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, R. (1975). Verbal Art as Performance. *Annual Review American Anthropology*. 77: 290-311.
- _____. (2008). A poética do Mercado público: gritos de vendedores no México e em Cuba. (trad.) ROSE, I. S. *Revista Antropologia em primeira mão*. Florianópolis – SC, v. 103.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. (1990). Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*. 19: 59-88.

_____. (2006) Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. (trad.) CARDOSO, V. Z. Ilha Revista de Antropologia, UFSC, Florianópolis, vol 8, nº 1,2. UFSC – Florianópolis –SC. 185-229.

BRIGGS, C. (2005). Communicability, racial discourse and disease. Annual Review of Anthropology, vol. 34: 269-291, october.

_____. (2007). Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary society. Current Anthropology 48 (4): 551-580.

FABRÍCIO, B. F. (2006). *Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescritões em curso*. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) [et al.]; Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola.

FOUCAULT, M. (2007). Arqueologia do saber. (trad.) NEVES, L. F. P. – 7 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. 2009. Vigiar e punir: nascimento da prisão. (trad. RAMALHETE, R. 36 ed. Petrópolis- RJ: Vozes.

PENNYCOOK, A. (2006). *Uma linguística aplicada transgressiva* In: MOITA LOPES, L. P. (org.) [et al.]; Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola.